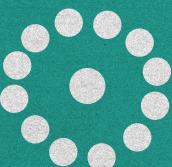
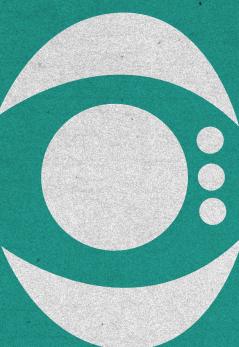
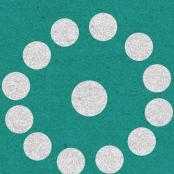
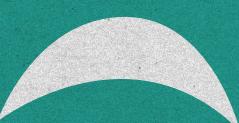


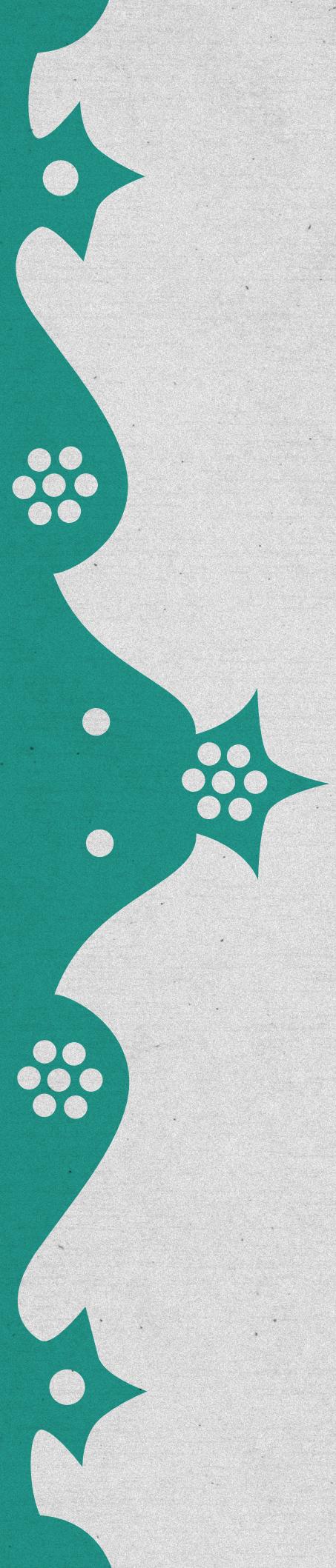
LOURDES MACENA

Danças Populares Tradicionais Cearenses *Conectando Vidas*



Módulo V * Pastoril





Danças Populares Tradicionais Cearenses

Conectando Vidas

APOIO:

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



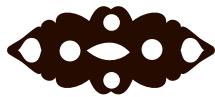
**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual
da Cultura, através do Fundo Estadual da
Cultura, com recursos provenientes da Lei
Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

REALIZAÇÃO:





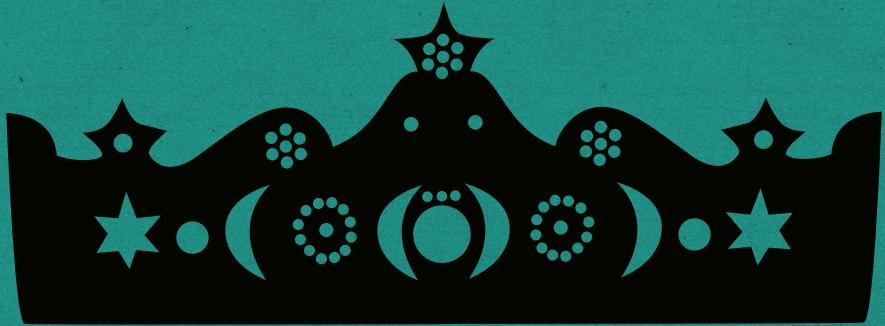
Macena, Lourdes

Danças populares tradicionais cearenses: conectando vidas /
Lourdes Macena - Fortaleza: Editora IFCE, 2021.

1. Danças Populares 2. Cultura 3. Tradições Cearenses, I.
Macena, Lourdes. II. Título.

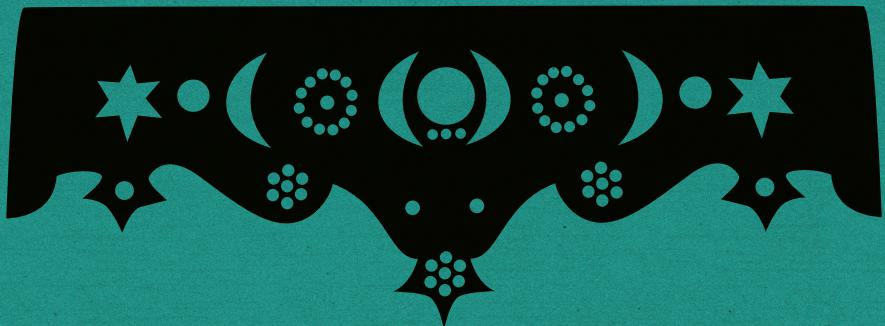
Essa publicação digital é composta por um módulo
do e-book **Danças populares tradicionais cearenses:
conectando vidas**, que será disponibilizado em sua
versão completa ao final do curso.





* Módulo V *

Pastoril



O Pastoril^[1] é uma Dança Dramática cuja encenação envolve a caminhada das pastorinhas a Belém para ver o menino Deus. Nesse percurso, surgem vários outros personagens, sempre associados a passagens bíblicas relacionadas à história do nascimento de Jesus.

Resultou de louvações e cantos que, no passado, eram feitos na véspera ou no dia do Natal para celebrar e perpetuar imagens da história do nascimento do filho de Deus. Sua representação é dividida em atos ou cenas, com o nome de *jornadas*, episódios envolvendo fragmentos do que ficou das janeiras^[2] e antigas pastorais, que consistiam em cantos feitos em frente ao presépio, em uníssono, por grupos representando pastores.

Dos dramas litúrgicos do Natal, o Pastoril, segundo Cascudo (1972) e Almeida (1926), herdou cenas sobre o aviso da estrela aos pastores, a caminhada dos reis magos com as oferendas de ouro, incenso e mirra, a mensagem do anjo para se afastarem do palácio de Herodes e, posteriormente, agregou a anunciação de Maria, entre tantas outras cenas oriundas de costumes religiosos do catolicismo trazido pelo povo português.

No Nordeste, de acordo com Théo Brandão (1976b), se estabeleceram duas formas de autos, versando sobre o tema da natividade: o *Presépio* ou *Pastoril Dramático* e o *Pastoril Comum*, de jornadas soltas. O Presépio, ficou também conhecido como *Auto das Pastorinhas* ou *Pastoril Dramático Familiar*.

Na Bahia, a forma de representação é conhecida como Baile Pastoril. Apesar do nome, há a predominância da parte falada sobre a cantada e coreografada, sendo puramente ‘dramático e teatral’ como nos informa Hildegardes Vianna (1981, p.33). Ainda a referida pesquisadora, em artigo intitulado Os Bailes Pastoris, no jornal A Tarde de Salvador, datado de 19 de dezembro de 1988, completa: ‘[...] o que tem de menos é a dança. Quando muito uma monótona movimentação: dois passinhos para um lado, dois passinhos para o outro, deslocamento de fileiras e troca de lugares’. Diferenciando-se da estrutura dos Bailes Pastoris, o Presépio apresenta um certo equilíbrio entre o diálogo, o canto, a dança e o drama. (LOPES NETO, 2011, p. 47)

No Ceará, temos algumas variantes do que é apontado por Brandão e Lopes Neto. Não temos esse Pastoril que Theo Brandão (1976b) chamou de *comum*, mas apenas o *Pastoril dramático*, sem necessariamente ser usado

[1] O texto deste módulo também traz partes de minha tese doutoral. Trechos da pesquisa de campo com D. Mariinha da Ló, de Paracuru, foram aproveitados.

[2] “Canções entoadas no primeiro dia do ano por grupo de pessoas que visitavam seus amigos. (CASCUDO, 1972, p. 469)

esse termo (dramático) pelas comunidades que o fazem. O Presépio, para nós cearenses, são imagens representando a cena do nascimento no estábulo e não uma representação física viva, cantada e dançada e a *Lapinha* se configura na cena do Presépio ampliada, incluindo vários outros elementos da vida da comunidade como bichinhos, pessoas, cacimba, cata-vento, roda gigante, quermesses etc. Usamos também a expressão *Lapinha Viva* para a reprodução exclusiva da cena específica do nascimento representada por meio de cânticos e ações performáticas alusivas a anjos, santos e ao Menino Jesus sem os bailes e outras cenas do cordão azul e encarnado, como ocorre no Pastoril que, em terras cearenses,

tem por base dois cordões de pastoras (o azul e o encarnado) estruturados na forma de cortejo. Conta a história do nascimento de Cristo, a partir do itinerário das Pastorais. A pastora Diana conduz o cortejo. Ela é a guia e não pertence a nenhum dos dois cordões; já as outras pastoras dividem-se entre o azul e o encarnado. Há uma Mestra, uma Contramestra, a Cigana, a Borboleta, a Estrela Dalva, a Papaceia, a Estrela do Oriente, etc. A plateia toma partido de um dos dois cordões. Estabelece-se uma disputa entre as rainhas dos dois partidos com o objetivo de vender mais prendas. Dividindo em jornadas, o folguedo, além da narrativa sacra, apresenta inúmeros outros quadros e figuras, constituindo-se em verdadeiro show de variedades. São quadros líricos ou picantes, canções e danças, interpretados por figuras jocosas como o Chico Mané Carrapeta, o Zabumba, o Africano, o Galego, ou por graciosas figuras como a Baianinha. A ‘orquestra’ do Pastoril é tradicionalmente uma sanfona ou instrumentos de sopro. Seus ritmos preferidos são a valsa, a marcha e o baião, que as pastoras ajudam a marcar agitando pandeiros enfeitados com fitas coloridas. Pela expressão dramática, pela variedade de quadros e pela riqueza de formas artísticas, o Pastoril é, juntamente com os Reisados, uma das principais danças dramáticas no Ceará. (s/a, 1992, p. 194)^[3]

Também não conhecemos no Ceará o Pastoril Profano^[4] como é feito em Alagoas, Pernambuco e Paraíba, onde a representação ocorre sem a composição do presépio vivo e onde um velho tira improvisos jocosos entre as danças das pastoras. Também é conhecido com este nome um pastoril cômico feito por rapazes que cantam e representam as pastoras de forma humorística, utilizando músicas com duplo sentido.

Nosso Pastoril firmou-se como uma representação estritamente religiosa, ou com claro sentido do que seja o sagrado. Temos personagens engraçados, mas sua

[3] O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 194.

[4] Para mais informações, V. ROCHA, 1991, p. 156.

comicidade se envolve em singeleza e simplicidade, sem usar cenas picantes, como ocorre no Boi com as figuras de Donona e seus pares, por exemplo. Não temos o Pastoril na forma do Pernambucano, onde segundo Valente

o Pastoril, embora não deixasse de evocar a Natividade, caracteriza-se pelo ar profano. Por certa licenciosidade e até pelo exagero pornográfico, como aconteceu nos Pastoris antigos do Recife. As pastoras, na forma profana do auto natalino, eram geralmente mulheres de reputação duvidosa, sendo mesmo conhecidas prostitutas, usando roupas escandalosas para a época, caracterizadas pelos decotes arrojados, pondo à mostra os seios, e os vestidos curtíssimos, muito acima dos joelhos. Do Pastoril faz parte uma figura curiosa: O Velho. Cabia ao Velho, com suas largas calças, seus paletós alambasados, seus folgadíssimos colarinhos, seus ditos, suas piadas, suas anedotas, suas canções obscenas, animar o espetáculo, mexendo com as pastoras, que formavam dois grupos, chamados de cordões: o cordão encarnado e o cordão azul. Também tirava o Velho pilhérias com os espectadores, inclusive, recebendo para dar os famosos ‘bailes’, - descomposturas - em pessoas indicadas como alvo. ‘Bailes’, que, muitas vezes, terminavam, nos pastoris antigos dos arrabaldes do Recife, em Charivari, ao qual não faltava a presença de punhais e pistolas. O Velho também se encarregava de comandar os ‘leilões’, ofertando rosas e cravos, que recebiam lances cada vez maiores, em benefícios das pastoras, que tinham seus afeiçoados e torcedores. [5]

Ademais, no Ceará, não aconteceu a perda de grande parte textual dramatizada, como ocorreu em Pernambuco, Alagoas e Paraíba. Em terras cearenses, os pastoris, quando ocorrem, são feitos pelas comunidades incluindo todas as partes conhecidas por quem o faz, com as criações pertinentes a cada momento, considerando a dinâmica dessas expressões.

O Pastoril cearense sobrevém de forma equilibrada entre canto, diálogo, drama e dança, e continua sendo feito, mesmo que identifiquemos seu desprestígio nos centros urbanos, seja na capital ou no interior, que busca excluir o auto das pastorinhas como signo do Natal, ficando apenas com Papai Noel, luzes piscando, trenós e neve (apesar do sol que nos castiga o ano todo) como elementos representativos da natividade.

A política governamental de incentivo às culturas tradicionais populares do Ceará deu força às expressões natalinas; incentivou continuidade das que

[5] VALENTE , Waldemar. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=608&Itemid=1

existiam e influenciou o surgimento de outros grupos para fazerem essas práticas como exemplifico abaixo, destacando alguns desses a seguir.

Legado familiar da Mestra Rita Gomes da Costa, o **Pastoril Nossa Senhora de Fátima** teve início em 1946 nos bairros Tirol e Pirambu. No início ele foi comandado por sua tia Benvinda e, após a partida dela, a Mestra Rita assume a brincadeira natalina, passando a acompanhar a vida familiar. Desde a morte de D. Rita em 2004, a filha Dylla Costa e a neta Rita Thayslanne estão à frente, sendo hoje o Pastoril N. Senhora de Fátima um pastoril potente e rico de detalhes, recebendo o reconhecimento como grupo Tesouro Vivo do Ceará pela SECULT/CE em 2012.

Outro grupo que se resultou do clã da Mestra Rita Costa foi o GRAPEL - **Grupo Artístico Pastoril Estrela Luminosa**. Fundado em 1999, o grupo conta hoje com 35 integrantes desenvolvendo suas atividades no bairro Cristo Redentor, no grande Pirambu, em Fortaleza, sendo coordenado por Danúbia Costa. Mesmo possuindo o mesmo legado, sua apresentação possui estética e soluções sobre músicas e personagens próprias para garantir individualidade quanto aos grupos da família.

Em Russas, vamos encontrar o **Pastoril Dona Vilma** que está hoje com o ponto de cultura Brincantes de Teatro de Russas no Ceará. Presente há mais de cinquenta anos neste município cearense, desde 2011 recebeu um impulso, sendo assumido pela juventude por meio de ação cultural da ONG Oficarte Teatro e Cia, sendo também a dança conhecida como Pastoril Russano.

Cito estes somente como exemplo, sem esquecer que vamos encontrar muitos mais pelo Ceará adentro, como O **Pastoril da Mestra Zulene**, no Crato, o **Pastoril A Caminho de Belém** de Canindé, o **Pastoril da Mestre Gleide Maria** da localidade de Parajuru, no município de Beberibe [6], além de precisar citar aqui a grande quantidade de grupos de Projeção que todo ano se utiliza do Pastoril para demarcar o Natal com a identidade cearense nos bairros e/ou instituições onde atuam, como é o caso do GTC – Grupo de Tradições Cearenses, Grupo Miraira/IFCE, Grupo Raizes Nordestinas, Grupo Estrelas da Rua, entre tantos outros que têm surgido nesses últimos anos e consolidado essa prática de brincar/fazer/festejar o Natal com o Pastoril e tantas outras expressões.

Para uma melhor descritiva do Pastoril neste trabalho, vou me valer de um estudo que fiz do Pastoril de D. Mariinha da Ló no Paracuru/CE, entre os anos de 2010 a 2013, cujo trabalho de campo de forma maior, se encontra em minha tese doutoral já citada neste ebook.

[6] Fonte: Selo UNICEF – disponível em: <http://www.digitalmundomiraira.com.br/patrimonio/dancas-dramaticas/>

Fig.1. Pastoril N. Sra. De Fátima



Fonte: Portal IN

Fig. 2. Pastoril Estrela Luminosa



Fonte: facebook do grupo.

Fig. 3. Morte da pastora, Pastoril Russano



Fonte: redes sociais do Oficarte

Paracuru é um município cearense que fica aproximadamente a 91 km da capital, sendo a única sede municipal do interior que é banhada pelo mar. Possui o ecossistema mais rico da Costa do Sol Poente, com 20 km de litoral; bicas de água doce, mangues, enseadas e belas praias; suas dunas constituem-se hoje numa Área de Proteção Ambiental – (APA) devido à fragilidade e às peculiaridades de seu equilíbrio ecológico. É uma das cidades do interior preferidas durante o carnaval e tem se tornado um local de grande vocação para a dança, após a criação da Escola de Dança de Paracuru pelo bailarino Flávio Sampaio, em 2003^[7]. Além do Pastoril, seu povo promove também a procissão de jangadas em homenagem a São Pedro e a Paixão de Cristo. As empresas de promoção turística organizam o Circuito Internacional de Surf e Regata de Jangadas, dentre outros eventos, o que tem trazido cada vez mais turistas para o município.

Mesmo assim, Paracuru é uma pacata cidade onde a contemporaneidade das pranchas de surf e o movimento da dança/balé contemporâneos convivem lado a lado com as encenações do Pastoril e com a Coroação de D. Mariinha da Ló.

Dona Maria do Carmo Menezes de Moraes, conhecida como D. Mariinha da Ló, tem 80 anos^[8] e reside na Rua Capitão João Moreira, 128, no centro de Paracuru. Natural do Trairi, aprendeu o Pastoril com sua mãe (Luiza Paula Gadelha, conhecida como D. Ló) que, por sua vez, recebeu de sua avó (Antônia Paula Gadelha). Começou a brincar aos 8 anos quando ainda morava na praia de Flexeiras, no Trairi, Ceará. Depois, foi para Paracuru, onde passou a viver, e se casou. Ficou certo tempo sem fazer o Pastoril, retomando posteriormente com as músicas, bailados e cenas que guardava na memória, estando há 33 anos, desde 1980, fazendo o Natal de Paracuru com parentes e amigos.

[7] Mais informações em, <http://escoladedancadeparacuru.com.br/>

[8] Em 2013, na época da entrevista tinha 74 anos.

Fig.4. D. Mariinha – rendeira**Fig.5. D. Mariinha - Pastoril^[9]****Fig.6. D. Mariinha e a autora**

[9] Foto disponibilizada In: <http://historiandoantropologicamente.blogspot.com.br/2013/05/mariinha-da-lo-um-en-contro-entre-arte-e.html>.

Mariinha: Eu fazia parte, com oito anos eu já fazia parte do pastoril. A minha irmã também, a minha irmã era uma das pastoras e eu era o anjo. A D. Marinete que já tá bem velhinha, era também do pastoril de lá. Era cigana. Ela também passou algumas músicas pra nós por exemplo: aquela parte da briga das ciganas foi ela que passou eu não lembrava, ela passou a do zabumba também (informação verbal)^[10]

De fato, esse Pastoril teve início em Paracuru incentivado por Dona Marleide/Marlene, fortalezense que era da pastoral da cidade e resolveu encenar com a ajuda dos moradores. Foi quando esta conheceu D. Mariinha da Ló, que já havia feito o folguedo com seus familiares. Conjuntamente, após D. Marleide adquirir e fazer todo o figurino e adereços, ele foi encenado pela primeira vez na cidade. Com a saída de Dona Marleide de Paracuru, ela incentivou Dona Mariinha a continuar.

Salete (filha D. Mariinha): quando depois que ela casou ela parou né? Aí quando a minha irmã nasceu a pequena a do meio aí ela já começou a participar, acho que tem trinta e poucos anos, aí foi no tempo que a D. Marlene trouxe, aí ela deu as roupas, a mãe tinha vontade de botar o pastoril só que não tinha condição de comprar o figurino. Aí ela pegou e deu pra mãe, D. Mariinha a senhora quer continuar com o Pastoril? A mãe: Quero! aí ela deu as coisas todas pra mãe (informação verbal)^[11]

D. Mariinha e sua filha Salete estão juntas na efetivação do Pastoril e de outras atividades culturais na cidade e, portanto, juntas também nas entrevistas para esta tese. Muitas vezes, suas falas se misturam e se completam norteando o que vamos aprendendo sobre esta Dança Dramática e outros folguedos que elas fazem.

Para sua montagem e criação, todo ano ela conta com a filhas, netas, bisnetas, parentes e amigos. Além de dona de casa, ela que também é rendeira, vem mantendo viva a tradição do Pastoril na cidade de Paracuru repassando/criando, de geração em geração, mantendo a originalidade dos cânticos, personagens e coreografias.

Atualmente, o grupo trabalha com cerca de 50 crianças e adolescentes da comunidade fazendo, no dia 23 de dezembro de cada ano, na praça principal em frente ao mar, a representação das pastorinhas em busca do lugar onde nasceu o menino Jesus. Fazem a festa para elas e para quem as quer ver. O grupo se apresenta também em outros momentos e/ou eventos, quando convidado.

[10] MORAIS, Maria do Carmo e Salete. Entrevista IV. Depoimento [30/05/2013]. Entrevistador: Lourdes Macena, casa de D. Mariinha, centro de Paracuru.

[11] Idem.

O Ceará tem uma política de incentivo às expressões culturais natalinas por meio de um edital chamado *Natal de Luz*. O Pastoril de D. Mariinha da Ló, participou do primeiro Ceará Natal de Luz, sendo premiado com o primeiro lugar da região Oeste do Ceará, tendo sido também homenageado no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e na Casa Juvenal Galeno, na capital cearense.

Em 2005, o grupo participou também das filmagens para o especial de Natal da Rede Globo de televisão o que, em conjunto com o reconhecimento de D. Mariinha da Ló como Mestra da Cultura pelo governo do Estado do Ceará, passando a ter registro no livro dos Tesouros Vivos, possibilitou reconhecimento e valorização desta dança brincadeira no local onde ocorre.

Os personagens do Pastoril surgem da história do nascimento de Jesus e de todo o imaginário que compõe esse universo. Os adereços e as caracterizações derivam da composição estética do que chega para a comunidade em fotos, imagens de santos, figuras bíblicas e de como o elemento sagrado perpetuou e se fixou pelo entendimento e pela memória de quem contou, ouviu, viu e conta.

Observamos que tanto no Boi Paz no Mundo como no Pastoril de D. Mariinha da Ló (este em menor proporção), essas expressões culturais utilizam hoje o benefício imagético do que lhes possibilita a internet, em suas próprias casas ou em *lan houses*. Sobre os personagens do seu Pastoril, D. Mariinha diz:

Das figuras que aparecem no meu pastoril a principal é Nossa Senhora, Maria, e a outra é Jesus, que é o filho, São José, aí os outros personagens. Tem a Diana, a estrela, tem a mestra, a contramestre tem a cigana tem a camponesa tem, tem as pastoras tem o zabumba, tem o Forrobolho (sic). Borboletas, tem a florista, o Caçador, tem a pastora perdida, tem os reis. (Informação verbal)

Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus são os personagens centrais, entretanto, operam muito mais como figuração do presépio vivo do que com ações dramáticas. Maria e José atuam principalmente no início, na cena da anunciação, dialogando com o anjo e depois ficam calados no presépio. Vestem-se com o figurino orientado por imagens bíblicas. As inovações vêm apenas com escolhas de tecidos mais atuais e enfeites. É comum nos Pastoris cearenses os grupos colocarem Maria vestida com seda, ou cetim, com capas ornadas com pedrarias, estrelinhas etc. D. Mariinha, no entanto, enfatiza que

se Nossa Senhora era uma pastora, deve ser vestida mais simplesmente. A filha Salete já pensa diferente e insiste que é preciso melhorar o figurino e vamos percebendo que cada uma vai cedendo um pouco, em constante diálogo, na forma como entendem tradição e inovação.

Nossa Senhora usa um kafta de cetim azul ou de paetê, com um manto branco ornado com um pequeno acabamento com galão dourado. José usa um kafta marrom com um pano largo, lilás, cruzado no peito e um cajado na mão. Os dois usam sandálias de sola tipo franciscanos. O menino Jesus, geralmente, é um garotinho recém-nascido de algum parente ou amigo. Enrolado em paniinhos ou despiido, ele produz um encantamento nos assistentes. Quando o neném é calminho, eles o colocam na manjedoura de palha; quando não, tentam mantê-lo nos braços de Nossa Senhora ou dos anjinhos do presépio.

A Diana é o personagem que comanda os dois cordões. É um elemento de ligação e conciliação na briga entre o partido encarnado e o partido azul, pois ela não tem partido algum, pertence a todos, dançando sempre entre os dois. Veste-se com as duas cores e sua atuação é mais livre do que as das outras pastoras, pois atua dançando entre os cordões e pode criar todas as dançadas de forma livre e independente. É comum, nos pastoris cearenses, ela assim se apresentar:

*Boa noite a todos/ Com minha chegada
Eu como a Diana/ Sou que dou entrada
Mestra e contramestra/ Aí tudo já vem
E o resto do bloco Cantando também^[12].*

Apesar de tradicionalmente os pastoris nordestinos envolverem, ao longo de sua história, diversas brigas e fortes disputas entre os partidos, no Ceará, atualmente, essas lutas se tornaram uma brincadeira salutar. Ocorrem muito mais em benefício das paróquias, quando quem faz pertence a alguma pastoral ou se relaciona bem com os grupos das Igrejas. Quando o grupo não pertence a nenhuma paróquia e atua livre na comunidade, sua disputa ocorre no jogo do brincar, onde as parceiras se divertem com quem agradou mais ao público durante sua ação/representação/apresentação.

[12] Pastoril da cidade de Fortaleza pesquisado pela Prof. Elzenir Colares, nos anos 70 e 80 do século XX. Disponível em <http://www.ifce.edu.br/miraira/Patrimonio/FolguedosBailados/Pastoril/Pastoril-L-MFC.pdf>

Fig. 7. Personagens do Pastoril, Paracuru/CE



Fig. 8. Maria, Jesus e José, Paracuru/CE



Fig.9. Anjo e Menino Jesus, Paracuru/CE



Fig.10. Diana, Paracuru/CE



Fig.11. Diana e cordões, Paracuru/CE



As *Pastoras dos cordões* (*partido*) *Encarnado e Azul* são personagens coletivos que sustentam o canto com coro, palmas, dançadas e estabelecem o limite onde as diversas cenas ocorrerão. No início, geralmente, as pastoras dançam ainda sem o presépio vivo ao fundo do espaço onde estão atuando. Após a anunciação de Maria e outras cenas (dependendo do enredo do grupo ou daquele dia), o presépio entra e então os cordões dançam com ele ao fundo, para ele e para a plateia.

As vestimentas dos cordões lembram pastorinhas, com forte influência do que foi trazido pelo colonizador português. Predomina de um lado a cor encarnada(vermelha) e do outro a azul, entretanto, o modelo é próprio de cada grupo. Utilizam bicos, babados, fitas, flores e outros enfeites, dependendo do poder aquisitivo. No Pastoril de D. Mariinha da Ló, quando o vimos, as pastoras dos cordões usavam saias simples, blusas brancas de mangas curtas, um colete na cor da saia, um lenço na cabeça e um pandeirinho ornado com a cor do partido.

Os cordões de *Pastoras* estabelecem o espaço onde as cenas ocorrerão como acontece com os *Galantes* no *Boi Paz no Mundo*. No entanto, diferentemente desses que trabalham de forma circular, no eixo da roda, o *Pastoril* estabelece-se na estrutura do palco italiano, onde tudo é feito para uma frente e eixos laterais.

A *Mestra* e a *Contramestra* são personagens fundamentais, pois várias cenas são encaminhadas por elas ou com elas. São duas pastoras, sendo uma do partido encarnado e outra do azul. Sobre quem é a mestra ou a contramestra depende de cada *Pastoril*; no caso de D. Mariinha, a Mestra é a pastora que fica à frente do cordão azul e a Contramestra é a do cordão encarnado. Elas se vestem igual às outras dos cordões, podendo ter alguns enfeites a mais ou uma faixa na cor do partido com os nomes *mestra* ou *contramestra*.

Pastora Açucena é uma personagem que muitas vezes é feita pela própria *Mestra* ou *Contramestra*. É a pastora bondosa, meiga e corajosa, que vai defender o Menino Jesus da maldade da Cigana ou de outro personagem que representa o Mal. Em alguns *pastoris cearenses*, ela foi vista com o nome de *Pastora Miriam* com a mesma função e ação. *Açucena/Miriam/Mestra* é responsável pela forte cena dramática de morte da pastora pela cigana - ou outro personagem - e também da ressurreição pelo anjo. No *Pastoril* de D. Mariinha, quem faz a *Açucena* é a *Mestra do Azul* e quem a mata é a *Diana* e, nesse caso, leva na cena o adereço de uma faca de madeira pintada com spray prateado.

A *Pastora perdida* é uma pastorinha que se veste de roupas com estampas simples e miúdas, podendo ser vestido ou saia e blusa e um lencinho na cabeça. A pastorinha de D. Mariinha usa ainda duas trancinhas no cabelo e

chinelo de couro. Ela representa uma pastorinha perdida no campo em busca de seu carneirinho, quando é atentada pelo personagem Cão e salva pelo Anjo.

O *Zabumba* representa um menino alegre e faceiro, que canta para Jesus, tocando sempre um tamborzinho. Ele viu a estrela e a segue buscando encontrar o menino. No caminho encontra duas pastorinhas e, após insistir bastante, estas permitem que ele siga com elas para Belém. Ele é meio cômico, pois sua ação junto às pastorinhas é atrevida, brincalhona, fazendo gracejos. Veste-se com uma braga ou bermuda de qualquer cor, camisa de mangas compridas e um chapeuzinho. Seu tamborzinho pode ser artesanal ou industrial.

O *Forrobilho* é uma personagem-menino que, segundo D. Mariinha, toca pandeiro para Jesus e compete com o *Zabumba* para ver quem consegue tocar melhor para o Menino Deus. Ele e o *Zabumba* são meninos representando rapazes festeiros e namoradores, sendo um do cordão azul e outro do cordão encarnado.

A *Florista* e a *Camponesa* são personagens ligadas ao campo, à natureza e à beleza da vida. As flores ofertadas por uma e por outra às amigas pastoras e/ou à plateia importam singeleza, amizade e doação. Alguns pastoris do Ceará trazem uma ou outra personagem; outros, como o de D. Mariinha, trazem as duas, uma em cada lado e, nesse caso, defendendo uma cor. Vestem-se de roupa com estampas florais ou quadriculadas, predominando a cor do cordão onde estão, levando uma cestinha de flores para ofertar enquanto dançam e /ou cantam. Usam um adereço de flores ou lenço na cabeça. Em sua cena pode ocorrer também uma oferta especial de flores ao presépio onde está o Menino Jesus.

A *Borboleta* é o personagem mais simples e, assim como o Menino Jesus, é feito sempre por criança, não importa se o Pastoril é de adulto ou infantil. Pode ter uma, duas ou mais em cada grupo. O que importa é que ela esteja presente. Sua cena é sempre esperada quando todas as pastoras se sentam para deixarem-na em evidência no centro a cantar, bailar e poder com destaque fazer suas partes soladas cheias de delicadeza. Traz em si essa forma visível de o homem personificar seu espírito em coisas ou seres. Assim, a borboleta, ao longo da história humana, tece relações com o lado espiritual do Bem, da vida que sempre exige um novo começo de transformações e possibilidades.

A *Cigana* é uma personagem misteriosa que traz consigo signos do Bem e do Mal e encerra, em alguns pastoris, a fatalidade pois, a serviço de Herodes e devido a isso, engana as pastorinhas para tentar pegar e entregar ao rei o Menino Jesus. Em outros pastoris, ela apenas desvenda o futuro, lê a mão das pastorinhas e dança alegremente, como ocorre em Paracuru. Utiliza-se de figurino étnico relativo ao povo cigano, com saias estampadas no quadril, blusa decotada, colares, lenço nos cabelos, brincos etc.

Fig.12. Cordão Azul, Paracuru/CE**Fig.13. Cordão Encarnado, Paracuru/CE****Fig.14. Pastora perdida, Paracuru/CE****Fig.15. Zabumba, Paracuru/CE**

Fig.16. Florista, Paracuru/CE



Fig.17. Camponesa, Paracuru/CE



Fig.18. Oferta das Flores



Em alguns pastoris, sua dança e sua atuação são muito esperadas pela carga de mistérios que a envolve e pelas possibilidades da gestualidade da menina que a faz. O “desvendar o futuro”, o “saber o que vai acontecer”, sempre trouxe ao homem a magia de ver alguém que recebe comunicado dos deuses. Para outros, há o medo do desconhecido, daquilo que não se entende, por não saberem como e por força de quem ela desvenda os enigmas do que está por vir. Entretanto, a presença da Cigana no Pastoril, pode contribuir, no ensino, por exemplo, para uma reflexão sobre esse povo que habita o Brasil e que necessita de reconhecimento.

O Cão é o personagem que traz toda a carga do anjo caído enganador, daquele que trai, é o adversário inimigo dos homens e de Deus cuja maior arma é a tentação com a qual também assediou Jesus. Assim, ele vem atentar contra as pastoras e leva uma delas a matar a outra companheira, que é posteriormente ressuscitada como forma de demarcar a força divina da ressurreição. Curiosamente, apesar de amedrontar as crianças pequeninhas, a cena de sua aparição provoca risos entre os adultos pela forma engraçada como os meninos ou rapazes que o fazem dão um tom trágico/cômico à cena. Veste-se todo de preto, usando chifres, máscara e um tridente.

Os Pastores são personagens que completam os cordões, geralmente dançando atrás e sendo os últimos participantes. Em alguns Pastoris cearenses, eles podem também dançar ao lado dos cordões das pastoras. O número é livre, sendo estabelecido sempre por cada grupo; entretanto, é sempre bem menor em relação ao número de pastoras. Vestem braga ou calças compridas nas cores dos partidos, camisas de mangas longas com uma faixa na cintura ou a vestimenta que lembra o pastorzinho Jacinto que viu N. Senhora de Fátima. Seu figurino pode lembrar também antigos moradores da Galileia e podem utilizar cajados como adereços.

Os Reis Magos participam, ao final do Pastoril. São personagens que representam os três Reis sábios e astrólogos que possuíam dons divinos e que vieram do Oriente seguindo uma estrela, buscando encontrar o que tinha sido revelado em seus pergaminhos sobre o nascimento do novo rei de Judá. Representando Baltazar, o rei negro da Arábia; Melchior, rei da Pérsia, de cor clara, e Gaspar, rei da Índia, de cor amarela, eles se vestem conforme as escrituras sagradas. É um dos mais ricos e ornados figurinos e cada um traz na mão um adereço, segundo os presentes que foram dados ao Menino Jesus.

Fig.19. Borboletas, Paracuru/CE



Fig.20. Cigana, Paracuru/CE



Fig.21. Cão, Pastora, Anjo



Fig.22. Reis Magos, Paracuru/CE



Fig.23. Anjo e Reis Magos, Paracuru/CE



O figurino e a caracterização de cada personagem alimentam-se da memória do sagrado e da revisitação da história do nascimento de Jesus, da forma como foi narrada, como ficou conhecida popularmente e como, pelo entendimento familiar, ficou registrada. No entanto, a memória vai sempre atualizando o tempo no presente, já que ela não é apenas um tempo de recordar, de lembrar, mas principalmente de ser viva. Quando perguntamos a D. Mariinha e a Salete como elas faziam para escolherem e definirem os personagens, elas assim responderam:

Para ser Maria a menina tem que ser uma pessoa bem angelical, bem retinha, calminha[...]. Tem que ser simples, uma pessoa simples. Para ser Cigana ela tem que saber dançar, ter ritmo de dança porque tem muita criança que diz assim: eu quero ser a Cigana, quando é que a tia vai me botar de Cigana? Eu não boto porque ela não tem ritmo de dança, não sabe dançar direito né? Para ser um São José tem que ter o carisma de saber falar como José. Tem que ter o jeito próprio pra fazer aquele personagem, os meninos do Zabumba e Forrobilho têm que ser bem soltos, fazer o povo rir, eles têm que fazer graça.(Informação verbal)^[13]

Assim, em novembro e dezembro de cada ano, D. Mariinha da Ló, junto com suas filhas e amigos, vai rememorando e reatualizando a história sagrada do nascimento de Jesus. E o primeiro passo é sempre a composição dos personagens, decidindo quem faz o quê, como, o que vestem e o que utilizarão como adereços, a partir do que já conhecem e do que desejam fazer melhor.

O repasse, o fazer, são sempre definidos pela oralidade e pela corporeidade de todos. Mesmo que o Pastoril, devido às suas relações com o sagrado e o compromisso com o reconto da história do nascimento de Jesus, os deixe de certa forma mais presos ao que pela memória deve ser contado, mesmo assim já vimos que tanto corporeidade como memória incidem em sensibilidade e expressão criadora, pois sabemos que “nenhum homem toma banho duas vezes no mesmo rio, pois, quando volta a ele, nem o rio é o mesmo e nem mais o homem o é”^[14].

[13] MORAIS, Maria do Carmo e Salete. Entrevista IV. Depoimento [30/05/2013]. Entrevistador: Lourdes Macena, casa de D. Mariinha, centro de Paracuru.

[14] Aforismo de Heráclito de Éfeso buscando sintetizar o princípio do “panta rei” (tudo flui). Disponível em <http://www.mktsorocaba.com.br/newsletter/> Acesso em 8 de outubro de 2013.

Assim, pela dinâmica da cultura, tudo flui, nada é inerte e a tradição nas DD se mantém viva e ativa, constantemente em movimento, no entanto, numa relação intrínseca com os elementos ancestrais guardados pela memória e vivida corporalmente a cada ano.

Sobre o repasse do saber, Salete e D. Mariinha vão registrando como elas fazem para montar e fazer seu pastoril, ensinando a cada personagem. Dizem que

quando entra uma novata eu escrevo tudinho no caderno e dou pra ela [...] Os mais antigos ensinam pros novatos. Ela também ensina. Ela já fez aquele personagem, ela vai e ensina: Mulher, tu tem que fazer assim, desse jeito. Ela ensina os gestos. (informação verbal)^[15]

O Pastoril de Paracuru não têm sede para ensaiar ou local para promover encontros ou guardar figurino e acervo, caso similar ao Boi Paz no Mundo. Tudo se concentra na casa de D. Mariinha da Ló, um local de três cômodos onde cada um tem aproximadamente nove metros quadrados.

Dessa forma, o grupo de Pastoril, pela experiência do fazer, vai elaborando e propiciando uma estética sobre a história do nascimento de Jesus a cada ano, para ser compartilhada com os moradores de Paracuru e quem mais se interessar.

A dança no Pastoril cearense divide-se em partes coletivas, executadas pelo conjunto de cordões azul e encarnado, e partes individuais, feitas por Diana e pelos personagens, em cenas isoladas no decorrer do enredo de cada ano.

Tanto as partes coletivas como as individuais utilizam passos simples, seguindo o ritmo da música. Os cordões usam passos laterais à direita e à esquerda, possibilitando figuras de aproximação e afastamento, passo à frente e atrás, passos de marcha em círculo e contra círculo, serpentinas, cruzamento com troca de lugares, dançadas em filas e fileiras.

As danças individuais dependem da capacidade, da criatividade e do virtuosismo de cada brincante e sua evolução começa quando ele se distancia do cordão; adentrando ao centro ou dirigindo-se à plateia para dialogar e realizar sua cena, concluindo com o retorno ao cordão ou as laterais.

A gestualidade é graciosa, simples, singela. Tudo o que fazem é acompanhado com toque de pandeiro ou palmas. Alguns usam e abusam da mão na

[15] Entrevista IV. Salete e D. Mariinha.

saia e do movimento destas; outros mais modestos se concentram em seus pandeiros e passos.

É comum encontrarmos conceitos sobre as dançadas do Pastoril como sendo pobres, monótonas e simples. Necessitamos chamar a atenção para que, apesar de nos últimos anos os estudos da cultura popular tradicional das danças folclóricas terem se ampliado numa diversidade de caminhos multidisciplinares, a maioria desses trabalhos estuda esses saberes por meio de um olhar de fora para dentro, estabelecendo conceitos e opiniões sempre baseados no estudo da dança formal.

Lembramos que a história da dança se inicia com os ritos aos deuses e as comemorações campesinas, primeiramente feitas, criadas e realizadas pelo povo e em seu domínio para festejar a vida e agradecer ao sagrado por tudo que recebiam.

Nos séculos XV e XVI palácios, reis e corte foram disciplinando seus bailes em eventos aristocráticos. Buscando garantir entretenimento para os nobres com sofisticação foram agregando músicos e dançarinos para produzir espetáculos para todas as festas da nobreza. Foi assim que, aos poucos, a Itália e a França criaram o Balé. Desde então, numa busca infinita por qualidade e igualdade do gesto, por controle melhor do corpo e ampliação de sua extensão, de sua capacidade de responder ao movimento e produzir uma estética estudada, não livre, mas que possibilitasse uma maior expressão do que se queria naquele momento, a dança humana passou a ser estudada. A partir disso, por isso e somente nisso.

Dessa maneira, mesmo com o desenvolvimento histórico da dança, com a dança moderna e contemporânea, com todos os diversos estilos e/ou categorias criados e desenvolvidos por grandes bailarinos, que surgiram após a criação do Balé, a dança, ainda hoje, se organiza, inclusive por meio de políticas públicas, não considerando mais a dança que o povo faz e que está dentro da primeira estética da dança humana. Nessa estética é que se enquadram as danças dramáticas e as demais danças folclóricas brasileiras.

Sobre esse aspecto, enfatizamos que a qualidade artística de gestos, passos e figuras deve ser vista pelos parâmetros da estética, pois o corpo se manifesta livre de arquétipos enquadradados em rigidez demarcada. Estando numa fileira, fila ou coluna, com o pé direito orientado pelo Mestre, o corpo de cada brincante expressa um movimento peculiar ao que é sentido e entendido pela corporeidade vivida naquela expressão de dança-teatro brincante. Assim, a qualidade artística e o seu resultado estão nas diferentes nuances que se projetam ali.

Coreografia e passos simples ou complexos são conceitos distintos, a nosso ver, de coreografia pobre ou rica, pois isso traz um juízo de valor pessoal contribuindo de forma negativa. Cabe aqui uma reflexão do atendimento estético aos princípios que norteiam esse tipo de criação, independentemente do que, pessoalmente, se possa achar dela.

Situações assim são motivadas devido ao desconhecimento da estética dessas expressões espetaculares, do seu sentido, o que as move e das relações que necessitam serem estabelecidas nesse universo enquanto dança/teatro brincante que possui sua própria categoria e por ela deve ser analisada, vista e descrita.

Diante do exposto, enfatizamos que a beleza e a qualidade artística do Pastoril de Mariinha da Ló estão na forma como cada brincante, ali, se projeta, na forma mais fiel do que corporalmente consegue ser o que é orientado pelo Mestre e este, a cada ano, compõe, cria e é.

A música do Pastoril é seu caminho, enredo, estrutura. Grande parte dela é ancestralmente conhecida e revivida, revisitada; outras partes vão sendo acrescentadas pelo grupo, podendo-se incluir algumas obras eruditas, como é o caso das Ave-Marias^[16] ou demais cânticos da pastoral, para entrada, saída ou cenas com Nossa Senhora.

Predominando a marcha e a marcha rancho, o Pastoril possui também outros ritmos como baião, xote e valsa. Os instrumentos geralmente utilizados são violões, cavaquinhos, pandeiros, flautas ou pífanos e sanfona. O Pastoril de D. Mariinha apresenta-se geralmente *a cappella*^[17], mas ela disse que já utilizou em sua dança/teatro, além dos pandeiros das pastoras e do tamborzinho do Zabumba, de flautas e/ou pífanos.

Normalmente, quem canta são as próprias pastorinhas e as personagens. Os cânticos são executados em estilo responsorial, onde o personagem solista faz os versos e o coro de pastorinhas faz o refrão ou repete o verso cantado. Encontramos trechos ou canções inteiras feitas *ad libitum* como a parte da morte da pastora e o solo da borboleta por exemplo.

A cena musical vai utilizando cada melodia buscando contribuir de forma integrativa^[18] o que também vai aos poucos envolvendo os espectadores,

[16] Bach, Schubert, Villa lobos, Betthoven, Roberto Carlos, Luiz Gonzaga, Fafá de Belém (composta ou cantada por)

[17] Música vocal sem acompanhamento instrumental.

[18] A música se relaciona ao humor, estado de espírito (desejo, satisfação, alegria, plenitude, dor) e/ou ego de cada personagem. (CASTARÈDE, 1987, p. 90)

como geralmente ocorre com as práticas tradicionais populares que têm os assistentes/participantes em volta ou junto de si.

A música é o primeiro tópico a ser ensinado, aprendido e dominado, pois ela é a condutora, a norteadora de tudo o que entra na cena. É a partir dela que brota a gestualidade e a corporeidade do que se quer contar, ela também é a base para o que se dialoga e, na maior parte do Pastoril, ela diz do seu enredo e estabelece o encadeamento das cenas e personagens isoladas.

O Pastoril, assim como os dramas populares^[19] são os folguedos que mantêm predominantemente seus textos escritos em caderninhos e não somente guardados pela memória e repassados oralmente. Não apenas o que se dialoga, mas também o que se canta, é mantido escrito para que se possa consultar essas notas, quando, pela memória, se torna difícil lembrar-se das diversas partes que o compõem.

Diferentemente do Boi Paz no Mundo, cuja linguagem é a do riso, no Pastoril de D. Mariinha da Ló a linguagem é a do ritual pelo sagrado determinado. Há muitas cenas dialogadas e às vezes apoio de uma narração. A primeira delas é a Anunciação de Maria, cujo texto segue as passagens bíblicas com pequenas variações.

Narradora - E disse o anjo:

Anjo - Alegra-te, cheia de graça, o senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres!

Anjo - Não temas, Maria, porque achaste graças diante de Deus, eis que conceberá em teu ventre, darás luz a um filho e dará o nome de Jesus, ele será grande e será chamado filho do altíssimo.

Maria - Como poderá ser, pois não conheço homem algum?

Anjo - O espírito santo descerá sobre ti e a virtude do altíssimo te “cobrirá”, e por isso mesmo o filho que vai nascer de ti será chamado filho de Deus.

Maria - Eis aqui a escrava do Senhor, faça em mim segundo a tua palavra.

Narradora - E o anjo se retirou. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel:

Maria - Isabel minha prima, quanto tempo!

[19] Cantigas encenadas, cantos contendo histórias, narrativas, romances apresentados de forma bailada pelo interior cearense. São Feitos geralmente por mulheres, com pouca participação masculina. Dentro dessa forma espetacular, encontram-se também os antigos romanceiros e as antigas gestas trazidas pelos colonizadores lusos.

Narradora - *E mal Isabel ouviu a saudação, a criança estremeceu. Isabel exclamou:*

Isabel - Bendita és tu entre as mulheres, Bendito é o fruto do teu ventre. Que honra a visita da mãe do meu Senhor! Porque assim que eu ouvi a voz da saudação a criança estremeceu de alegria no meu ventre.

Maria - A minha alma glorifica o Senhor, por ele ter posto os olhos na baixeza de sua escrava e de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

Cenas dialogadas sucedem-se entre cantos e bailes, como as cenas de José e o Anjo, quando este avisa sobre o milagre do nascimento de Jesus e o perigo de Maria indicando para ele a fuga para o Egito. Outras cenas são as das Ciganas lendo a mão das pastorinhas e demais brincantes, do Zabumba e pastorinhas a caminho de Belém, da Pastora Perdida e do Cão, da Morte e ressureição da Pastora Açucena, do Anjo e dos Reis Magos, dentre tantas outras que podem surgir a cada ano inspiradas no enredo da história épica do filho de Deus.

O Pastoril relata fatos vividos pelos personagens que seguem a caminho de Belém. A ordenação das cenas é decidida pela Mestra a cada ano e pode parecer para alguns, como já foi dito por certos autores, sem lógica; no entanto, o esqueleto da narrativa é feito através de teatro/dança e música que vai se estabelecendo pelo desenrolar dos acontecimentos cênicos, buscando principalmente envolver o espectador com a emoção do caminho percorrido, da proteção ao menino nascido e do encontro final com ele, não importa que percurso seja feito.

As cenas das personagens isoladas, como Borboleta, Cigana, Zabumba e Açucena, mesmo que a cada vez que ocorram possam ter sequência distinta de entrada, têm seus fatos relacionados sempre com o tema e com o conflito da busca das pastorinhas para achar o menino Deus e, portanto, seu enredo é claro na ótica de quem o estabelece, ou seja, o grupo e o Mestre.

Cenas de morte e ressurreição são presenças constantes nas Danças Dramáticas brasileiras. Poderíamos citar, como exemplo, a morte e a ressurreição das personagens Lira (na dança do Guerreiro, em Alagoas), do Rei Mouro (no Fandango cearense), da pastora Açucena/Miriam/Mestra (em vários Pastoris nordestinos) e do Boi, nas diversas brincadeiras envolvendo esse personagem espalhadas pelo Brasil.

Nem sempre a cena da ressurreição é explícita. Ela pode estar incógnita, anônima, ocorrendo nos bastidores de nossa imaginação sendo compreendida.

dida na figura daquele que morreu e surge no meio ou ao final da brincadeira dançando alegre e feliz.

Nas comunidades mais simples, que se relacionam bem melhor com a natureza, a ressurreição é algo ímpar onde se concentra a força vital da vida terrestre que está em nascer/morrer/renascer mantendo o ciclo de eterno recomeço e retorno por meio do que vem dos ancestrais, seus descendentes, sejam eles humanos, plantas ou animais. Além disso, a ressurreição para os Cristãos veio também validar e comprovar, diante dos homens, que Cristo era realmente o filho de Deus cumprindo o que estava escrito. Diante disso, podemos afirmar que essas brincadeiras vão legitimando no brincar a essência de sua ligação com o sagrado, seja rezando ou sorrindo e brincando, pois o sorrir e o brincar são também dos anjos e de Deus.

Compartilho abaixo os elementos matriz de uma estética, na inteireza de um encontro buscando contribuir para o aprendizado do saber fazer do Pastoril. No entanto, chamo a atenção de que isso só se refere ao momento em que foi feito ou que foi registrado, ou seja, nada é uma verdade inteira, diante da liberdade que tem cada grupo com seu mestre de continuar criando e produzindo pelo imaginário de como isso está nele/nela. Importante também deixar claro sobre o registro da música de tradição oral cujas transcrições de algumas delas compartilhamos. O registro corresponde ao que foi feito no dia e que poderá ter elementos musicais distintos cantado posteriormente pelo mesmo grupo, pois pela oralidade se recebe e se perdem elementos.

A apresentação registrada ocorreu na praça principal de Paracuru, em dezembro de 2005, sem tablado, tendo ao fundo o cenário de um presépio sob uma casinha coberta de palha. Foi gravada pela rede globo e me repassada por D. Mariinha da Ló dizendo que “essa era boa de ser vista”. Começou com uma narração e a cena da Anunciação do Anjo a Maria.

Nestes trechos da Anunciação, percebemos que existe a predominância de uma narradora, o que nunca encontramos em outros pastoris cearenses.

Narradora - Eis que no sexto mês o anjo do Senhor, chamado Gabriel foi o enviado de Deus para uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento, com um homem chamado José. O nome da virgem era Maria. Entrando, disse o anjo:

Música/anjo: Ó Maria, ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós, que recorremos a vós.

Narradora - E disse o anjo:

Anjo - Alegra-te cheia de graça o senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres!

Narradora - Ao ouvir a saudação, ela perturbou-se e refletia no que poderia significar aquelas palavras. Então o anjo lhe disse:

Anjo - Não temas, Maria, porque achaste graças diante de Deus, eis que conceberá em teu ventre, darás luz a um filho e lhe dará o nome de Jesus, ele será grande e será chamado filho do Altíssimo.

Maria - Como poderá ser, pois não conheço homem algum?

Narradora - E o anjo respondeu:

Anjo - O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te “cobrirá”, e por isso mesmo o filho que vai nascer de ti, será chamado filho de Deus.

Narradora – Então, disse Maria:

Maria - Eis aqui a escrava do Senhor, faça em mim segundo a Tua palavra.

Narradora - E o anjo se retirou. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel:

Maria - Isabel, minha prima, quanto tempo!

Isabel - Bendita és tu entre as mulheres, Bendito é o fruto do teu ventre. Que honra a visita da mãe do meu Senhor! Porque assim que eu ouvi a voz da saudação, a criança estremeceu de alegria no meu ventre.

Narradora - Disse Maria:

Maria - A minha alma glorifica o Senhor, por Ele ter posto os olhos na baixeza de Sua escrava e de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

Narradora - E ficou Maria com Isabel três meses, depois voltou pra sua casa. Naquele tempo existiam algumas pastorinhas que queriam cantar para Maria:

Magnifica, magnifica é o canto de amor.
Minha alma engrandece a Deus meu Salvador.

As pastoras entram em seus cordões e vão fazendo a cena dançada da apresentação das personagens que se encontram nos partidos. Entram em passo de marcha, batendo seus pandeirinhos e, ao chegarem no local dos cordões, usam um passo para frente e para trás, enquanto as personagens que são apresentadas vão se destacando.

Diana – (Falado) Senhoras e senhores, boa noite venho dar, quero que me deem licença para o pastoril dançar. Se alguma falha houver, queiram todos desculpar. Uma música bem bonita para o pastoril começar.

(Canto e dança)

Boa noite, meus senhores todos, boa noite senhoras também, somos nós as pastorinhas belas, que alegremente vamos a Belém.

Mestra: Eu sou a mestra do cordão azul, o meu partido é o melhor que há, Com minhas danças, minhas cantorias, eu sou a mestre desse pastoril.

Contramestra: Eu sou a contramestra do cordão encarnado, o meu partido é o melhor que há, Com minhas danças, minhas cantorias, eu sou a mestra desse pastoril.

Diana: Eu sou Diana não tenho partido, o meu partido é o melhor que há, eu peço palmas, peço fita e flores, aos meus senhores, peço proteção.

Fig. 24. Transcrição musical, Entrada Pastoras, Paracuru/CE^[20]

Logo em seguida, elas apresentaram a parte estrela do norte/estrela do sul, onde ocorre um cumprimento dos dois cordões e depois destes à Diana. No refrão, fazem palmas ou tocam nos pandeiros e dão pulinhos.

[20] As transcrições musicais em minha tese doutoral foram feitas pelos músicos: Mateus Farias, Nonato Cordeiro e Costa Holanda. Aqui evidencio uma pequena parte do que está no trabalho inteiro.

*Estrela do norte cruzeiro do sul
Vamos dar um viva ao cordão azul
(Refrão) Tralalalala...*

*Estrela do norte, cruzeiro sagrado
Vamos dar um viva ao cordão encarnado
(Refrão) Tralalalala...*

*Estrela do norte, estrela de Belém
Vamos dar um viva a Diana também.
(Refrão) Tralalalala...*

Fig.25. Transcrição musical, Estrela do Norte e do Sul, Paracuru/CE

Meu São José, nos pastoris do Ceará, é uma música que pode vir no início ou no meio; no entanto, geralmente, só pode ocorrer com a presença dele na cena. Dançam em passo de marcha.

*Meu São José dai-me licença para o pastoril dançar
Viemos para adorar, Jesus nasceu para nos salvar.
Tralalalala...*

Fig.26. Transcrição musical, Meu São José, Paracuru/CE

Na cena, o personagem José entra com um cajado na mão e, sorrateiramente, deita-se e dorme entre as pastoras que permanecem em pé delimitando a cena principal que ocorrerá no centro. Enquanto José dorme, aparece um anjo que com ele fala.

Anjo: Acorda, José, não temas receber Maria como tua mulher, porque o que nela se gerou é obra do Espírito Santo. Ela dará luz a um filho e o chamara por nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo do pecado.

Narradora: E despertando José do sono, fez como o anjo lhe havia mandado. E levou Maria para Belém. Chegando a Belém, José pediu abrigo nas hospedarias:

José: Maria está grávida e precisa de apoio.

Hospedeiro: Não tem lugar.

Narradora – Então José vai a outra hospedaria:

José – Maria está grávida e precisa de apoio.

Hospedeiro – Há um lugar em uma estrebaria, onde dormem os animais.

Vocês querem passar a noite lá?

José – Queremos.

Seguem José e Maria para a estrebaria/presépio enquanto as pastoras se preparam para mais uma cena, desta vez com a parte da Borboleta. No imaginário do grupo e de D. Mariinha, as borboletinhas também seguiam à procura do menino Deus. A presença da borboleta no Pastoril, provavelmente, deriva-se do significado que esta tem no cristianismo, relacionando-se à ressurreição e à imortalidade, além de simbolicamente representar a alma, transformação e novo recomeço, desde as culturas mais antigas. Traz, ainda, essa personagem em sua dançada momentos femininos de delicadeza por meio da inocência das crianças que sempre as fazem.

Música borboleta:

*Borboleta pequenina venha para o meu rosal,
Venham ver cantar o hino que hoje a noite é de Natal.*

*(Borboleta) Eu sou uma borboleta, sou bela sou feiticeira,
Ando no meio das flores procurando quem me queira*

*(Borboleta) Nesse berço abençoado cheio de tanto amor,
Livre de todo pecado dorme o filho do Senhor.*

*Borboleta pequenina venha para o meu rosal,
Venham ver cantar o hino que hoje a noite é de Natal.*

(Borboleta) Eu sou uma borboleta, uma borboleta eu sou,
Eu sou uma borboleta, nos pés de Nossa Senhor

(Borboleta) Meus senhores e senhoras, e todos que aqui estão
Deem um viva às borboletas e também ao meu cordão.

Borboleta pequenina venha para o meu rosal,
Venham ver cantar o hino que hoje a noite é de Natal.

Fig.27. Transcrição musical, Refrão Borboleta, Paracuru/CE

Música Borboleta - Refrão

Fig.28. Transcrição musical, versos Borboleta, Paracuru/CE

Outra cena que pode aparecer isoladamente e ser colocada na ordem que se queira é a da Cigana. No Pastoril de Paracuru, ela vem logo em seguida à Borboleta e não irá matar a pastora para roubar o menino, segundo orientou Herodes e como ocorre em outros pastoris. Aqui ela vem para promover adivinhas, lendo a mão das pastorinhas, enquanto baila e canta festivamente dialogando aqui e ali onde a chamam.

*Viemos do Egito só para cantar,
Bailados de amor, que vai anunciar.*

Tralalala...

Toda cigana latina seu rico dá-lhe um vintém,
A cigana é tão pobre que não tem nada pra dar.

Pastora: (Falado) Cigana, ciganinha, lê aqui a minha mão?

Cigana: (Falado) Primeiro passa o dinheirinho? Tua sorte digo pastora,
tens segredos terríveis e medonhos, amanhã será felizes e tenhas sonhos
(sic).

Viemos do Egito só para cantar,
Bailados de amor, que vai anunciar.
Tralalala...

Fig.29. Transcrição musical, refrão Cigana, Paracuru/CE

Música Cigana - Refrão

Fig.30. Transcrição musical, versos Cigana, Paracuru/CE

Cigana

Nas cenas de Borboleta, Cigana, Florista, Camponesa, Zabumba e Pastores, as Pastorais estão sentadas em seus cordões, delimitando o espaço cênico. Acompanham com palmas e cânticos fazendo o coro, onde for necessário. Dessa forma, elas colaboram para que as atenções se concentrem nos personagens que vão entrando e saindo da cena principal sem sair do espaço cênico.

A Florista vem com um cesto com flores na mão e vai entrando, dançando e cantando. Segundo a música, ela vai entregando rosas a cada uma das pastoras dos dois cordões.

*Nós somos gentis pastoras, meigas filhas das florestas,
Não te damos joias finas, mas damos flores em festas.*

*Aceitem belas pastoras, essas flores que vos dou.
São mimosas, delicadas, levem pra Nossa Senhor.*

Fig.31. Transcrição musical, versos Florista, Paracuru/CE

Florista

Em seguida, vem a cena de Zabumba e Pastoras. Elas entram cantando, passeando pelos campos, enquanto ele entra tocando seu tamborzinho com sua dança e canto, procurando chamar a atenção das pastorinhas.

(Canto Pastoras)
*Nós vamos à gruta, com muita alegria,
Pra ver o Messias, que hoje nasceu
E na caminhada, rebrilha uma estrela
Reluz gente bela no limpo do céu.*

(Canto Zabumba)

*Eu sou o zabumba, tão belo e querido
sou mais conhecido, não há outro igual*

BIS

Fig.32. Transcrição musical, entrada Zabumba, Paracuru/CE

Zabumba

(Falado)

Zabumba - Olá, belas meninas, pra onde vão tão faceiras?

Meninas - Não seja tão atrevido, não somos suas parceiras!

Zabumba - Que é isso, belas meninas, pensei que iam a Belém desejo
acompanhá-las que para lá eu vou também.

Meninas - Que menino atrevido! Que tipo!

Zabumba - Vamos a Belém?

Meninas - Pra ver o Menino Jesus, vamos também.

Zabumba - Viu como eu sei conquistar?

(Cantam juntos os três) (Seguem dançando para o presépio)

Nós vamos à gruta, com muita alegria,
Pra ver o Messias, que hoje nasceu
E na caminhada, rebrilha uma estrela
Reluz gente bela no limpo do céu.

Fig.33. Transcrição musical, saída Zabumba, Paracuru/CE

Música

A cena a seguir é a cena principal do Pastoril cearense, onde se percebem momentos importantes para o cristianismo, como a tentação do Cão, a morte e a ressureição da Pastora boa que defendeu o Menino Jesus, a vitória divina por meio do Anjo que combate a personagem Cão e o afasta, e o perdão concedido à Pastora má, que matou Açucena, pela Pastora boa. Cada Pastoril estrutura como quer e entende a cena, mas esses elementos estão sempre presentes.

Narradora: Existiam duas amigas, uma tinha o dom de gerar a vida e a outra era estéril. O inimigo aproveitou-se disso e causou uma discórdia entre elas.

Diabo: Mate o menino! Vim pra lhe fazer o Mal. Me dá inveja.

(Cantado)

*Contramestra: Por esses campos, por esses campos,
Por esses campos eu hei de brigar.
Mas o menino, mas o menino,
Mas o menino, há de me entregar.*

*Mestra: O menino eu não te entrego,
Nem que eu tenha que morrer.
Prefiro perder a vida,
que a pastora egoísta obedecer*

*Mestra: Meu filho, meu filho!
Contramestra: A vida por Deus te foi dada, mas por mim será tirada. Vou tirar tua vida na ponta da minha espada.*

Narradora: Mas Jesus envia e acaba com aquela tristeza, um anjo do céu:

Anjo: (Para a pastora má) Arrepende-te de teus pecados, pois o mal que cometeste, é obra do inimigo.

Anjo: (Indo até onde está Açucena deitada no chão) Levanta-te Açucena, venha ver a luz do dia, pois quem morre por Jesus, vive por Maria.

Narradora – E arrependida a Contramestra canta pra sua amiga:

*Perdoa, minha Açucena, eu não estava no meu sentido.
Perdoa, minha Açucena, por este caso, este caso acontecido.*

Mestra (Açucena) (Falado): Se Jesus te perdoou, eu te perdoou também, amiga! (Se abraçam e saem todos do espaço cênico principal)

Fig.34. Transcrição musical, entrada Contramestra, Paracuru/CE

Fig.35. Transcrição musical, Pastora boa (Mestra), Paracuru/CE

Concluindo essa cena, as personagens se deslocam para o fundo do espaço, continuando as pastorinhas em cada cordão, delimitando o local da atuação. Vem a cena da Pastora perdida, onde o personagem Cão vai novamente atentar a pastorinha.

Música Pastora:

*Eu vou procurando o meu carneirinho,
Não sei por onde o Cupido saiu.
- Cupido? Cupido?*

Diabo:

*Vinde, pastora, eu quero falar-te, para o inferno, desejo levar-te.
Dar-te-ei ouro, te darei montanhas e montanhas de ouro! Pois no inferno
eu sou o rei!*

Pastora:

*Mas eu não quero a sua riqueza que aprisiona a natureza,
Aquela estrela que irradia, ela será minha luz e guia.*

*Diabo – Vem, vem, vem! Dar-te-ei palácios e riquezas, dar-te-ei ouro,
muito ouro. Vem que eu quero tua alma!*

Pastora – (Gritando) Jesus! Jesus!

*Anjo – (Jogando uma lança no Diabo que cai no chão esperneando) Vá,
desaparece, Satanás!*

Fig. 36. Transcrição musical, Pastora perdida e Diabo, Paracuru/CE

Music. Pastora

Music. Diabo

(24)

(25)

O Anjo convoca todas as pastorinhas para seguirem o caminho até onde está o Menino Deus. Essas se levantam e saem cantando até onde se encontra, ao fundo do espaço cênico, o presépio vivo com Maria, José, Anjos, Borboletas, Pastores e demais figuras. Elas saem cantando:

*Para Belém, para Belém,
Para Belém vamos todos cantando.
Com glória vamos cantando, e o anjo anunciando.
Para Belém, para Belém,
Para Belém vamos todos cantando.*

Narradora - Os anjos anunciam o nascimento de Jesus

Anjo - Glória a Deus nas alturas!

Pastoras - Paz na terra aos homens por ele amados.

Anjo - Jesus nasceu!

Pastoras - Viva o nosso Salvador!

Fig. 37. Transcrição musical, Canto Pastoras para Belém, Paracuru/CE

Music. Pastoras

(27)

Na flauta executam *Noite Feliz* e, logo em seguida, *Bate o sino*^[21] dois clássicos natalinos. O momento é de adoração durante a execução da primeira música. Quando cantam a segunda, as pastorinhas dançam próximas ao presépio tendo ao final desta cena a entrada da Camponesa que vem cantando e dançando indo até a plateia e, posteriormente, juntando-se a todas no presépio. Segue-se com a parte do encontro do Anjo com os Reis Magos:

*Viemos de tão longe com a rica camponesa
Trazendo flores mimosas floridas da natureza*

*Venham todas as meninas
Venham todas, venham ver
A pobreza da lapinha onde Jesus quis nascer.*

*Viemos de tão longe com a rica camponesa
Trazendo flores mimosas floridas da natureza*

Fig.38. Transcrição musical, Camponesa, Paracuru/CE

Music. Camponesa

Narradora – Tendo, pois, nascido Jesus em Belém, eis que vieram os Magos, para adorar Jesus e o anjo os anuncia.

Anjo – Eu vos anuncio uma grande alegria, lá em Belém nasceu o menino que se chamará Jesus, vão e levem seus presentes e voltem por outro caminho.

Reis – Não sabemos o caminho!

Anjo – Uma estrela seguirá em sua frente, onde ela parar, lá terá um menino deitado em palhas, este será o salvador do mundo.

Reis – Vamos conhecer o nosso Salvador! E oferecer nossos presentes! (Saem caminhando até ao presépio e lá chegando fazem suas oferendas ao Menino).

Reis (Um de cada vez) - Eu ofereço ouro. Eu ofereço mirra. Eu ofereço incenso. (Se ajoelham no presépio)

[21] Letra e música de J. Pierpont.

O Pastoril de D. Mariinha culmina sua apresentação com a oferta singela do rebanho de ovelhas a Jesus pelos pastores, personagens que simbolicamente representam os homens simples do povo. Percebemos que, para D. Mariinha, esse é um momento importante, pois representa a generosidade das pequenas comunidades que tudo repartem e compartilham, apesar de suas necessidades.

Narradora – Naquela mesma noite havia um Pastorzinho que vigiava seu rebanho

Anjo – O que vocês estão fazendo aí?

Pastorinhos – Estamos pastoreando o rebanho.

Anjo – Leuem seu rebanho e ofereçam ao menino que nasceu lá em Belém, esse será o Salvador do mundo.

Pastorinhos - Vamos a Belém (Caminham com carneirinhos e ovelhas até o presépio onde se ajoelham e oferecem o que levam)

Pastorinhos – Eu ofereço o rebanho.

Narradora – E todas as pastorinhas cantam alegremente:

Música final:

*Adeus, meus senhores, queiram desculpar,
Que a nossa jornada já vai terminar.*

Tralalalala...

*Adeus já é tarde, temos que partir,
O dia amanhece, queremos dormir.*

Cantando e dançando com seus passinhos miúdos, as Pastorinhas vão saindo, tocando seus pandeiros e acompanhadas de todas as demais personagens, ficando no espaço apenas a manjedoura e a cenografia do pequeno estábulo coberto com palhas de coqueiro.

Ao observarmos os detalhes da estética dos grupos, verificamos que, apesar de trabalharem com o repasse pela oralidade com criação constante mantendo os elementos fundantes da brincadeira transmitida por seus ancestrais, cada uma dessas danças estudadas possui personalização própria, que as distinguem não apenas das diferentes tipologias Pastoril, Boi, Fandango, mas também dentro de sua própria tipologia. Pela forma e pela dinâmica, vão acrescentando a cada tempo elementos peculiares à sua dança, pela (re) interpretação que vão fazendo, a cada tempo, seguindo quem as conduz.

Para acessar material imagético e sonoro sugiro ver:

1

**1. DIGITAL MUNDO MIRAIRA**

www.digitalmundomiraira.com.br/patrimonio/dancas-dramaticas/

2

**2. VÍDEO PASTORIL MARIINHA DA LÓ**

www.youtube.com/watch?v=G-gy71A5htg

3

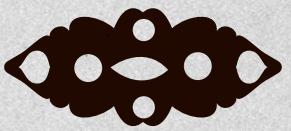
**3. PASTORIL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA**

www.facebook.com/watch/live/?v=222611978615359&ref=watch_permalink

4

**4. MESTRES NAVEGANTES EDIÇÃO CARIRI**

<https://open.spotify.com/album/0o8n5M4EcE2hsKMvqWxOe9>



REFERÊNCIAS

- AMORIM, Ninno. **Os cocos no Ceará**: dança, música e poesia oral em Balbino e Iguape. 2008. 93 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Fortaleza, Fortaleza, 2008.
- ANDRADE, Mário. **Danças dramáticas do Brasil**. 1o, 2o. e 3o. tomos. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.
- AZEVEDO NETO, Moreira. **Bumba-meu-boi do Maranhão**. 1ª. ed. São Luís: Editora Alcântara, 1983.
- BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.
- BARROSO, Oswald. **Teatro como encantamento**: Bois e Reisados de Caretas. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.
- BARROSO, Oswald. **Teatro como desencantamento**: bois e reisados de caretas. Fortaleza, 2007. 517f. Tese (Doutorado em Sociologia) CH. Universidade Federal do Ceará.
- BARROSO, Oswald. **Incorporação e Memória na performance do ator brincante**.
- BARROSO, Oswald. **Reis de Congo**. Fortaleza: Gráfica Vt, 1996.
- BORBA FILHO, Hermílio. **Espetáculos populares do Nordeste**. São Paulo: Editora São Paulo S.A, 1966.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Duas ou três coisas sobre folclore e cultura popular. In: **Seminário Nacional de Políticas Públicas para as culturas populares**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005. p. 28-33.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Entendendo o folclore**. Texto de divulgação feito para o Museu de Folclore Édison Carneiro/Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: http://www.lauracavalcanti.com.br/publicacoes.asp?codigo_area=1#
- CARVALHO, Gilmar. **Mestres da Cultura Tradicional Popular do Ceará**. Fortaleza: Secult/CE, 2006.
- CARDOSO, Joaquim. **O coronel de Macambira** - Bumba-meu-boi em dois quadros. Natal: EDUFRN-Editora da UFRN, Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.

- JESUS, Thiago Silva de Amorim; SOUZA, Marco Aurélio da Cruz; MACARA, Ana (org.). **Saberes-fazeres em danças populares**. Salvador: ANDA, 2020.
- CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3^a edição. RJ: Edições de Ouro – Tecnoprint gráfica S. A. 1972. 930p. pp. 232-233.
- CASCUDO, Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3^a. Ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.
- CASTRO, Zaide Maciel de. **Danças do Norte e do Sul**. Rio de Janeiro: Organização Técnica de Educação Física Ltda. 1960. p. 49.
- COLARES, Elzenir. **Manifestações do Folclore Cearense**. Fortaleza: Gráfica Secretaria de Indústria e Comércio. 1978. Pp. 23 a 25.
- CORTES, Paixão e LESSA Barbosa. **Manual de Danças Gaúchas**. 3^a edição. São Paulo: Irmãos Vitale Editores – 1967 – p. 19.
- FRADE, Cássia. **Guia de Folclore Fluminense**. RJ: Presença Edições. 1985. p. 49.
- FARIAS, C. M.. **Antes de dançar o Coco era como estar no mundo, mas não existir**: experiências dançantes de mulheres em contextos de políticas públicas culturais no Cariri Cearense. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, p. 1-9, 2019.
- FARIAS, C. M.. **Brincando de dançar, dançando para brincar**: ludicidade, improviso e ritual na dança do coco da comunidade de Balbino - CE (1940 - 1980). História E Culturas, V. 2, P. 40-63, 2014.
- FARIAS, C. M.. **Memórias dançantes**: a (re)invenção de uma tradição por grupos de coco de mulheres no Cariri ? CE. RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 22, p. 51-59, 2014.
- FARIAS, C. M.. A 'INVENÇÃO' DE UMA COMUNIDADE: narrativas de resistências e tradição oral em Balbino - CE. Embornal: Revista Eletrônica da Anpuh-Ce, v. lii, p. 1-15, 2013.
- FARIAS, C. M.. **A coreografia da luta**: a dança como elemento de identificação e de afirmação cultural da Comunidade de Balbino - CE. Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança - UFBA, v. 2, p. 45-57, 2013.
- GALLET, Luciano. **Estudos de Folclore**. RJ: Carlos Webrs & Cia – 1934. Pp. 61 a 72

GIFFONII, Maria Amália Correa. **Danças Folclóricas Brasileiras.** 2^a edição. São Paulo: Editora Melhoramentos – 1964. pp. 89 a 103.

HERSKOVITS, Melville J. **Antropologia cultural.** Trad. Maria José de Carvalho e Hélio Bichels. São Paulo: Mestre Jou, 1963. v. 1.

RIBEIRO, Joaquim. **O Folclore de Açúcar.** Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.227 p.

SERAINE, Florival. **Folclore Brasileiro** – Ceará. RJ: MEC – FUNARTE. 1978. p. 28.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **A dança do Torém dos Tremembé de Itarema-CE.** In: Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação em Humanidades, 2. 2011, Fortaleza. Semana de Humanidades, Humanidades: Entre Fixos e Fluxos, 8., 2011, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p.1-12.

Pereira, A. S. M. e Gomes, D. P. **Dança encantada e de resistência:** (trans) significações corporais no torém dos índios tremembé Arliene Stephanie Menezes Pereira Daniel Pinto Gomes Corpocraciencia, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 01, p. 120-129, jan./abr., 2018 ISSN 1517-6096 – ISSNe 2178-5945

MACENA FILHA. **Stagnation y dificultades del fandango del Mucuripe** – ensenanza possible. Comunicação oral no X Congresso Argentino de Antropología Social –. Facultad de Filosofía e Artes – UBA, 2011. Disponível em: <http://www.xcaas.org.ar/> Acesso em 27 de julho de 2013.

MACENA FILHA, M. L. **Projeto Miraira** - prática cultural para a diversidade numa estratégia de educação não formal. In: VII Encontro Cearense de Historiadores da Educação, 2008, Barbalha. vitrais da memória: “Vitrais da Memória: Lugares, Imagens e Práticas Culturais “Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 1013-1021. ISBN: 978-85-7282-284-8.

MACENA FILHA, M. Lourdes. **Cultura e Patrimônio.** In: Revista Aspectos – Conselho de Cultura do Ceará. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2008.

MACENA FILHA, M. Lourdes. **O Potencial turístico das festas populares de Fortaleza.** Fortaleza, 2002. 214f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Universidade Estadual do Ceará.

NOVO, José da Silva. **Almofala dos Tremembé.** Itapipoca: sem edição.1976

PINTO, Aloísio Alencar. **Documentário sonoro do Folclore Brasileiro nº37.** contracapa do disco.

SILVA, Wagner de Sousa. **De perseguido a Reconhecido:** A história da resistência do bumba-meу-boi na cidade de São Luís – MA: (1890-1920). João Pessoa-PB, 2008. 109 fl. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB. SOUZA, Maria de Lourdes Macena. Danças Populares Tradicionais em abordagens estéticas, memória e tensões políticas. In: Saberes e Fazeres em Danças populares. v.8. Salvador/ANDA, 2020, 491p. 74 – 87.

SOUZA, Maria de Lourdes MACENA de. **Sendo como se fosse** – as danças dramáticas na ação docente do ator professor. Belo Horizonte, 2014. 295f. Tese (Doutorado em Artes) EBA. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-9GFHGX>

ROCHA. J. M. Tenório. **Folguedos e danças de Alagoas**. Maceió: Secretaria de Educação e Cultura, Comissão Alagoana de Folclore, 1984.

APOIO:

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual
da Cultura, através do Fundo Estadual da
Cultura, com recursos provenientes da Lei
Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

REALIZAÇÃO:

